



INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

**Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)**

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Investigação Científica nas Ciências Humanas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
162	<p>Investigação científica nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-391-0 DOI 10.22533/at.ed.910191806</p> <p>1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 300.72</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação Científica nas Ciências Humanas - Parte 1” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

O papel da investigação científica é amplamente debatido em todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, faz parte de todas as agendas políticas. Assumamos, pois, a importância da investigação científica que levamos a cabo pela pertinência dos estudos desenvolvidos face à de outros, e pelo impacto dos resultados junto da comunidade científica.

No caso da investigação científica em educação, é muito acentuada a relação entre investigação e política ou, se assim se quiser pensar, a dimensão política da investigação. Com efeito, a escolha dos temas reflete as preocupações dos investigadores, seja no aprofundamento de referenciais teóricos, seja na compreensão de problemas educativos e formas de os resolver.

É possível afirmar que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares. Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante. (DEMO, 2001)

Para que se tenha um progresso na qualidade do ensino nos seus diversos níveis é necessário que a pesquisa exerça o papel principal dentro e fora de sala de aula, e que apresente um elo para com a prática pedagógica do docente, promovendo uma formação crítica e reflexiva.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS BRASILEIROS SOB ANÁLISE: PENSANDO AURORAS POSSÍVEIS	
Lorena Santos da Silva Paula Côrrea Henning	
DOI 10.22533/at.ed.9101918061	
CAPÍTULO 2	11
A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA EM WALTER BENJAMIN	
Eduarda Aleycha Luciano Santana Paula Ramos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9101918062	
CAPÍTULO 3	23
A GEOPOLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS NA “DOCTRINA TRUMP” E A ORDENAÇÃO MUNDIAL	
Matheus Seiji Bon im Takiuchi	
DOI 10.22533/at.ed.9101918063	
CAPÍTULO 4	35
A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Paula Scherer Mariela Camargo Masutti	
DOI 10.22533/at.ed.9101918064	
CAPÍTULO 5	46
SEXUALIDADE E SUAS ARTICUÇÕES NO ESPAÇO DE ENSINO APRENDIZAGEM, A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	
Gabriella Rossetti Ferreira Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9101918065	
CAPÍTULO 6	61
A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO CÊNICO NA CENA SHAKESPEARIANA: IMPASSES DA MONTAGEM DO HAMLET DO TEATRO DE ARTE DE MOSCOU	
Edilaine Dias	
DOI 10.22533/at.ed.9101918066	
CAPÍTULO 7	73
A OBRA SPACCIO DE LA BESTIA TRIONFANTE: COMO REFLEXO DA CRISE RELIGIOSA ENTRE REFORMADOS E CATÓLICOS NO SÉCULO XVI	
Raimundo Pedro Justino de Orlanda Ideusa Celestino Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9101918067	
CAPÍTULO 8	85
A PARADIPLOMANIA NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÕES	
Lucas Lima Da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9101918068	

CAPÍTULO 9	98
ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA: UM ESTUDO SOBRE ESCOLAS ESTADUAIS	
Letícia Prevideli Scarabello Vera Lucia Messias Fialho Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.9101918069	
CAPÍTULO 10	107
APRENDENDO MATEMÁTICA ATRAVÉS DE RECURSOS LÚDICOS: UM ESTUDO VOLTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	
Andressa Nunes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.91019180610	
CAPÍTULO 11	116
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO USO DE DROGAS EM MULHERES QUE CONVIVEM COM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	
Ana Maria Kuse Cassandra Borges Bortolon	
DOI 10.22533/at.ed.91019180611	
CAPÍTULO 12	130
ATIVIDADE EXTRATIVISTA MADEIREIRA E URBANIZAÇÃO NO EXTREMO SUL DA BAHIA (1948-1972)	
Luísa Dias Silva Márcio Soares Santos	
DOI 10.22533/at.ed.91019180612	
CAPÍTULO 13	139
COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO POR ATORES DO TURISMO: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DA UNESP – CAMPUS DE ROSANA	
Guilherme Henrique Barros de Souza Elisama de Souza Franco Leticia Sabo Boschi	
DOI 10.22533/at.ed.91019180613	
CAPÍTULO 14	151
CRIATIVIDADE: CAMINHOS, DESVIOS E RETOMADA	
Maria Luiza Ramos Tonussi Eliane Patricia Grandini Serrano	
DOI 10.22533/at.ed.91019180614	
CAPÍTULO 15	163
DESPERTANDO UM OLHAR GEOGRÁFICO E AMBIENTAL NOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA E.E. JOSEPHA CUBAS DA SILVA SOBRE A CANALIZAÇÃO DOS CORPOS HÍDRICOS	
Fábio César Martins Thiago José de Oliveira Márcia Cristina de Oliveira Mello	
DOI 10.22533/at.ed.91019180615	

CAPÍTULO 16	175
DOM VITAL E A QUESTÃO RELIGIOSA NO SEGUNDO REINADO	
Rodrigo Dantas de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180616	
CAPÍTULO 17	194
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BICA DO IPU, CEARÁ: DESAFIOS PARA A BUSCA DE SUSTENTABILIDADE	
Francisca Lusimara Sousa Lopes	
Vanda Claudino Sales	
DOI 10.22533/at.ed.91019180617	
CAPÍTULO 18	198
EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA AOS TRABALHADORES DO PROJETO PROFISSÃO CATADOR DA UNICRUZ: ORGANIZANDO SABERES PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA	
Ieda Márcia Donati Linck	
Esther Teixeira Carvalho	
Ane Elise de Souza Fiuza	
DOI 10.22533/at.ed.91019180618	
CAPÍTULO 19	211
EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO ATRAVÉS DO MODELO DE NEGÓCIO CANVAS	
Cláudia Rafaela Schneiders	
Roberto Schuster Ajala	
Luciana Scherer	
Lucas Ivan Grimm	
DOI 10.22533/at.ed.91019180619	
CAPÍTULO 20	227
ESCOLA SEM PARTIDO: LUTA IDEOLÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR	
Eduardo Danilo Ribeiro dos Santos	
Aparecida Maria Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180620	
SOBRE A ORGANIZADORA	237

A GEOPOLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS NA “DOCTRINA TRUMP” E A ORDENAÇÃO MUNDIAL

Matheus Seiji Bonfim Takiuchi

Licenciado pela Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” (Unesp) no campus da Faculdade de Ciências e Tecnologias e bacharelado na Unesp no campus Experimental de Ourinhos/SP
Natural de Santa Fé do Sul/SP

RESUMO: A partir da ascensão de Donald Trump ao cargo presidencial dos Estados Unidos, o país passou a apresentar grandes mudanças nas suas ações no que tange a sua política externa. Tendo em vista que no governo anterior de Barack Obama, a geopolítica estadunidense adotava uma postura baseada mais na diplomacia e no multilateralismo, agora no atual governo, o que está em evidência é a ascensão do nacionalismo conjuntamente com o protecionismo baseados ainda em uma visão realista das Relações Internacionais, cujo o próprio documento base para a segurança nacional do país alega que nesta gestão a geopolítica está assentada no *principled realism* (UNITED STATES OF AMERICA, 2017). Tal alteração no curso do perfil da política externa estadunidense decorre da visão de Trump de que os Estados Unidos destinam demasiadamente recursos para custear e manter a posição de “arbitrário” nas Relações Internacionais. Esta alegação pode ser encontrada em seu discurso de

posse, onde também responsabiliza imigrantes de “apanhar” empregos dos cidadãos norte-americanos, ao mesmo tempo que se posiciona “antiglobalização” (não é objetivo deste trabalho entrar na discussão se existiu de fato uma globalização (HIRST et al., 1998)), pois Trump associa a “globalização” ao aumento dos fluxos migratórios e a evasão das indústrias nacionais para outros países (FINGUERUT, 2016).

PALAVRAS-CHAVE: geopolítica, protecionismo, Estados Unidos, ordem mundial.

THE UNITED STATES GEOPOLITICS IN THE “TRUMP DOCTRINE” AND WORLD ORDER

ABSTRACT: From the rise of Donald Trump to the presidential post of the United States, the country began to present major changes in its actions regarding its foreign policy. Given that in the previous administration of Barack Obama, the American geopolitics adopted a position based more on diplomacy and multilateralism, now in the current government, what is in evidence is the rise of nationalism along with protectionism based on a realistic view of International Relations, whose country's own national security document claims that geopolitical management is based on principled realism (NSS, 2017). Such a change in the profile of US foreign policy stems from Trump's

view that the United States allocates too much resources to fund and maintain the position of “arbitrary” in International Relations. This claim can be found in his inaugural address, where he also blames immigrants for “picking up” jobs of American citizens, while at the same time positioning himself “anti-globalization” (it is not the goal of this paper to enter into the discussion if there is in fact a globalization (HIRST et al., 1998)), as Trump associates “globalization” with increasing migratory flows and the evasion of national industries to other countries (FINGUERUT, 2016).

KEYWORDS: geopolitics, protectionism, United States, world order.

1 | INTRODUÇÃO

No dia 9 de novembro de 2016 o sistema eleitoral dos Estados Unidos elegeu para o cargo presidencial o republicano Donald Trump amealhando 279 colégios eleitorais, sendo uma ocorrência inesperada pelo fato da grande maioria das pesquisas apontarem para a vitória de Hillary Clinton do Partido Democrata, que obteve 218 colégios.

Trump foi fruto, principalmente, de uma grande insatisfação da população com a política tradicional do país, por ser um *outsider*, o presidente conquistou grande parcela dos eleitores com seu discurso adverso ao establishment, caracterizando por defender uma diretriz nacionalista e protecionista. Além disto, há diversos outros fatores que foram responsáveis pela eleição de Trump, como o próprio sistema indireto de voto, o contexto de *Tea Party* (ANDRÉ, 2016), o bloco unificado e consistente de eleitores do Partido Republicano (GOLDFARB, 2016) e como também os escândalos veemente noticiados envolvendo Hillary dias antes à eleição, e neste caso há indícios já de estratégias geopolíticas usufruídas pela equipe de Trumo, no qual existem investigações com o intento de encontrar evidências que apontam interferência russa. Todavia, há um concreto consenso de vários autores (ANDRÉ, 2016; FINGUERUT, 2016; MIELNICZUK, 2017) que o principal fator para a eleição do republicano foi de fato o descontentamento de boa parte da população, e em especial da classe média branca, com os candidatos tradicionais que não visem obstruir temas progressistas que auxiliam na sobrevivência das minorias.

Trump foi eleito em um contexto que não encontra-se desassociado da sua eleição, no qual é possível observar um cenário mundial onde há ainda altas taxas de fluxos migratórios, ao mesmo passo que há uma maior dinamização das tecnologias de comunicação e transporte, isto é, hoje há uma grande presença da transnacionalização em vários âmbitos. Análogo à isto, está a crescente promoção de nacionalismos em vários países, principalmente, em resposta desta grande onda migratória, de modo que surgiu simultaneamente a aversão aos estrangeiros que migram, devido ao pensamento disseminado que os imigrantes são responsáveis pelo aumento do desemprego, pobreza e violência no país (SILVA, 2017).

Ainda é possível apontar neste contexto mundial, a ameaça da China à

hegemonia estadunidense, sobretudo com a posição do governo atual em mitigar o direcionamento de recursos para a solução de questões multilateralistas, pois com esta postura, os Estados Unidos permitem algumas “lacunas” de influência que podem ser preenchidas pela China, a segunda maior potência global (TROYJO, 2016). A Rússia é tida também como outra potencial adversária para a liderança norte-estadunidense, sobretudo pela sua proximidade com o *Heartland* (“[...] núcleo basilar da grande massa eurasiática que coincidia geopoliticamente com as fronteiras russas [...]” (MELLO, 1999, página 45)), além de que a Rússia continua sendo portadora de capacidade militar e econômica considerável. Esta conjuntura está presente em um dos trechos de Bandeira (2009) em seu livro no momento em que alega:

A China emergiu como potência econômica, política e militar cada vez mais poderosa. E a Rússia, como sucessora jurídica, herdou todo o poderio bélico da extinta União Soviética, que não fora, militarmente, derrotada na Guerra Fria, recuperou-se, beneficiada, em larga medida, pela alta dos preços de energia e matérias primas (p. 24)

A hipótese considerada nesta análise será de que as alterações apresentadas acerca da política externa estadunidense pela doutrina Trump produzem uma gama de efeitos na ordenação mundial levando em conta sua recusa em sustentar processos e acordo multilaterais, sendo simultâneo um aprofundamento de conflitos ou a propagação de novos. Além de que o trabalho também sustenta a concepção de que já está evidente, que o atual governo conduzirá o país com base em três principais premissas: nacionalista, protecionista e realista.

2 | JUSTIFICATIVAS DA PESQUISA

Sendo o objetivo da Geopolítica a “[...] formulação das teorias e projetos de ação voltados às relações de poder entre os Estados e às estratégias de caráter geral para os territórios nacionais e estrangeiros [...]” (COSTA, 1992, p. 16) é diametralmente plausível atribuir ampla importância para o estudo do projeto e sua execução apresentado pelo governo Trump, além de que os Estados Unidos é a maior potência hegemônica atualmente das Relações Internacionais, isto significa que qualquer mudança nas suas ações terá rebatimentos neste cenário mundial.

Outro ponto fundamental para ser discutido é o preocupante cenário mundial da ascensão de governos similares a de Trump (baseados nos conceitos de protecionismos e nacionalismos), e que não podemos desassociá-los decorrente de duas questões. Primeiro, a eleição de Trump pode servir como exemplo e suscitar a ascensão de governos ultranacionalista ao redor do mundo (VENTURA, 2017), o que, já mencionado neste texto, está de fato ocorrendo; e segundo, este trabalho defende que boa parte da ascensão destes tipos de governos são em respostas do grande aumento do fluxo migratório pelo mundo, tendo em vista que grande parcela das populações “nativas”

dos países que mais recebem estes contingentes de imigrantes apresentam aversão a estes, o que acarreta que esta parcela de eleitores sejam “atraídos” pelos discursos daqueles candidatos que defendem políticas favoráveis às imigrações.

Importância ressaltada ainda mais pelo fato de existir certa “carência” de pesquisas e trabalhos aprofundados acerca da política externa no governo Trump. Portanto, este trabalho auxiliará com sua análise para compreender em que se assenta as ações do governo Trump.

E por fim, este trabalho considerará o esforço de averiguar, com base em evidências e ações do governo Trump, ao mesmo tempo apoiado em referências de autores consolidados que analisaram cenário análogos, a questão essencial de que se encontramos ou não em um declínio do estado hegemônico, sendo, simultaneamente, a ascensão de outra potência, como ocorreu com o império romano e o governo inglês.

2.1 A METODOLOGIA UTILIZADA

A metodologia estará assentada em revisão bibliográfica conceitual como também investigativa, de modo que será necessário providenciar veracidade as evidências no que tange as ações de Trump. Esta revisão consistirá em sua maioria artigos de periódicos, publicações em eventos e sites de notícias, tendo em vista que o tema da proposta pode ser considerado extremamente recente e que encontra-se em curso. Contudo, livros aprofundados conceitualmente também participarão da elaboração das análises, tais como as contribuições de Wanderley Messias da Costa (1992) em relação ao conceitos clássicos da geopolítica, ao mesmo tempo que o trabalho espelhará as análises com base em suas premissas, de José Luís Fiori (2015) e Giovani Arrighi (1996), sobretudo para o segmento do trabalho que retratará a formação dos Estados Unidos, e da mesma forma que esta pesquisa se utilizará de autores que tiveram forte influência na geopolítica estadunidense como o geoestrategista Nicholas Spykman e o oficial da marinha norte-americana Alfred Mahan (MELLO, 1999; FERREIRA, 2017), e dentre outros diversos pensadores que contribuíram para o entendimento da postura geopolítica do atual governo estadunidense.

3 | A GEOPOLÍTICA ESTADUNIDENSE NO GOVERNO TRUMP

Com o seu típico comportamento midiático, Trump sempre deixou claro as suas intenções para a política externa. Trump faz parte dos defensores neoconservadores que acreditam que os Estados Unidos demandam esforço e investimentos excessivos para custearem os sistemas políticos e econômicos mundiais, financiando recursos para aliados que não retribuem e prejudicando o desenvolvimento do balanço da economia norte-americana (ALVES; THUDIUM, 2017). Deste modo, Trump deverá guiar o seu governo até o fim do seu mandato com a retomada da ideologia nacionalista e não deixando ser, ao mesmo tempo, xenófoba, além de apresentar um semblante isolacionista com o seu slogan *America First*, apesar de que este último aspecto

seja discutível, pois Trump, por meio já de algumas ações, denotou que interferirá nas Relações Internacionais quando este considerar necessário para prevalecer os interesses do país (ALVES; THUDIUM, 2017). Trump também “externaliza” os fatores da desaceleração da economia norte-americana ao afirmar que a grande população imigrante presente no país desencadeia variáveis que prejudicam a vida dos “norte-americanos”. No discurso de abertura do seu mandato, Trump afirmou:

For many decades, we've enriched foreign industry at the expense of American industry; subsidized the armies of other countries while allowing for the very sad depletion of our military; we've defended other nations' borders while refusing to defend our own; and spent trillions and trillions of dollars overseas while America's infrastructure has fallen into disrepair and decay. (G1, 2017)

Trump retirou o país do acordo climático de Paris firmado em 2015 dentre vários países, o presidente reiterou que o acordo prejudica o país limitando a produção de alguns setores da economia estadunidense. Entretanto, recentemente, o presidente afirmou que é possível a ocorrência de um retorno norte-americano ao acordo. Em outubro de 2017, os Estados Unidos retiraram-se da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) por acreditarem que tal organização apresenta uma política adversa aos israelenses em razão das decisões da Unesco em que removem a soberania de Israel sobre a capital Jerusalém e outros locais sagrados. Posteriormente, os Estados Unidos também abandonaram o pacto de imigração da ONU, no qual eles mesmos foram precursores, alegando que o pacto é incompatível com a nova política externa do país. Em 8 de maio de 2018, Trump concretizou a saída do Acordo Nuclear com o Irã, alegando que o Irã descumpriu certos requisitos propostos no tratado. Isto denota um retrocesso no multilateralismo nas Relações Internacionais, como também pode significar uma regressão também no que tange ao impedimento do desenvolvimento da tecnologia nuclear, o que tem a possibilidade também de implicar em uma maior instabilidade e periculosidade nos conflitos futuramente.

Logo no início do seu mandato e com as nomeações dos responsáveis pelos setores de política externa, segurança e defesa, Trump indiciou mais vestígios de como será a sua doutrina para o país. Alves e Thudium (2017) nos apresenta alguns dos principais políticos nomeados pelo presidente:

Como forma de reforçar ainda mais o elo com as forças armadas, nomeou o general aposentado linha-dura do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, Jim Mattis, como Secretário de Defesa, bem como o ex-militar e deputado republicano membro do Tea Party, Mike Pompeo, para chefiar a CIA. Para o principal cargo de política externa, Trump escolheu Rex Tillerson, empresário e diretor executivo da multinacional americana de petróleo e gás, ExxonMobil. (p. 11)

As referidas nomeações reforçam o discurso de Trump nas questões de que seu governo será conduzido a partir de ideias conservadoras e estimulando “discursos de

ódio”, ao mesmo tempo que Trump não será diplomático como Barack Obama, não abstando-se do uso da força para validar os interesses norte-americanos.

É necessário tecer uma atualização sobre o caso acima, em 13 de março de 2018, Trump demitiu Rex do cargo de Secretário de Estado, renomeando Mike Pompeo, ex-diretor da *Central Intelligence Agency* (CIA). Trump alega que Rex estava tomando posturas que o incomodavam, simultâneo às críticas de Rex às medidas externas que Trump estava adotando, dentre elas, não agradou a Trump que Rex aconselhasse à tentar diálogos para melhorar a relação do país com a Coreia do Norte, como também, a crítica direta de Rex à Trump quando afirma que Trump não entende de conceitos básicos de política externa.

É importante destacar também o texto base para segurança nacional (NSS) que Trump apresentou em dezembro de 2017, uma vez que este texto condiciona algumas estratégias geopolíticas do país. Segundo Agência France-Presse (2017), o documento de 68 páginas foi assentado em quatro pilares: “proteger o povo, o território e o modo de vida americano; promover a prosperidade; preservar a paz mediante a força e impulsionar a influência dos Estados Unidos”. Tal documento ainda foi escrito baseado na premissa *America First* criado pelo presidente, no qual ele defende que os interesses norte-americanos prevalecerão sobre os interesses da comunidade internacional. No documento também foi apontado a Rússia e a China como concorrentes dos Estados Unidos, especialmente por amenizarem a influência dos norte-americanos em certos territórios: “China e Rússia desafiam o poder dos Estados Unidos, sua influência e seus interesses e tentam erodir a segurança e a prosperidade do país”, alegação encontrada no próprio texto. Outra nação alvo do NSS foi a Coreia do Norte, nação que foi considerada como uma ameaça e um regime desonesto, e que precisa ser combatida segundo o governo estadunidense. Por fim, o documento das estratégias de segurança do novo governo não deu enfoque na questão climática como fez Barack Obama, ressaltando somente que os Estados Unidos que priorizará o progresso da sua economia .

Tal documento elaborado pela administração atual não difere dos documentos estratégicos que foram escritos em 1991-1992, sendo mais um indício que o governo Trump não é um desvio integral em relação aos anteriores, sendo, a valer, todos os governos, desde que os Estados Unidos ascenderam ao posto hegemônico mundial no pós-Segunda Guerra, mantenedores do objetivo primordial norte-americano de sustentar sua hegemonia. Deste modo, Armstrong (apud HARVEY, 2004, p. 71) conclui, em relação aos documentos estratégicos no começo da década de 90:

O Plano se destina a levar os Estados Unidos a governar o mundo. O tema declarado é o unilateralismo, mas é em última análise um roteiro de dominação. Ele conclama o país a manter sua superioridade militar irresistível e a evitar que surjam novos rivais capazes de se opor a ele no cenário mundial. Conclama a dominar tanto amigos como inimigos. Não diz que os Estados Unidos têm de ser mais poderosos, ou os mais poderosos, mas que devem ser absolutamente poderosos.

Contudo, é importante ressaltar que a economia neste ano inaugural do governo do presidente Trump prosperou. Segundo Gilboa (2017), “[...] growth reached 2.4%, and industrial productivity went up about 3%. Wall Street investments are up almost a third. At the same time, unemployment fell to 4.3% and inflation to 1.6%.” (p. 3). Portanto, com base nos dados, é possível observar que a índole de empresário do presidente de fato desenvolveu a economia. Este avanço econômico deve-se muito aos cortes de impostos na reforma tributária de Trump em 2017, em que estimulou os variados investimentos. Entretanto, alguns autores defendem que este avanço não é devido somente as medidas do governo atual, sendo resultante de ações de longa data de governos anteriores (GILBOA, 2017; KOYAMA, 2018).

Apesar da postura sempre inflexível e do discurso austero, Donald Trump em seu ano inaugural (20 de janeiro de 2017 – 20 de janeiro de 2018) na presidência não conquistou a concretização da maioria das suas medidas revigoradas durante a sua campanha, isto se deve à falta de apoio do Congresso (boa parte dos políticos que não apoiaram as reivindicações de Trump faziam parte da ala republicana) e também de impasses judiciais (MELLO, 2017). O muro que seria levantado na fronteira dos Estados Unidos com o México que Trump prometeu, teve pouco avanço por falta da liberação de verba para a construção por parte do Congresso (MELLO, 2017), ficando estagnado na fase de planejamento apenas. As tentativas de acabar com sistema de saúde Obamacare, que permiti que parte vulnerável da sociedade norte-americana consiga o acesso a tratamentos de doenças e serviços básicos de saúde, também não vingaram-se, e de novo por ausência de apoio no congresso à Trump . As medidas catalisadoras do veto anti-imigração de Trump tiveram várias versões antes de serem decretadas, contudo, ainda sofrem contestações (MELLO, 2017).

Considerada a maior vitória no primeiro ano de governo de Trump por diversos autores, a reforma tributária aprovada pelo senado em dezembro de 2017 foi o maior corte de impostos pelo governo das últimas três décadas. A reforma foi bastante criticada pelos opositores, principalmente por causa de que os cortes beneficiariam quase que somente as grandes empresas e muito pouco a população de classes médias e baixas . Segundo Stokes (2018): *Nearly half — 47 per cent—of his proposed US\$6.2 trillion in tax cuts will be enjoyed by the top 1 per cent of earners, amounting to additional income of almost US\$3 trillion over a ten-year period.* (p. 149).

Decorrido um ano de presidência no dia 20 de janeiro de 2017, Trump apresentou a menor taxa de aprovação no primeiro ano de mandato entre todos os presidentes eleitos, com média de 39% de aprovação.

A partir da exposição sintética das ações do governo Trump em seu primeiro ano, é plausível analisá-lo comparando à leituras de análises de outros autores, mesmo que análises deferidas em outros momentos da história geopolítica estadunidense. Como Harvey (2004) que aponta que o fator principal para o arrefecimento da hegemonia estadunidense na virada do século é o “[...] emprego desequilibrado do

capital financeiro como meio de afirmar a hegemonia.” (p. 65). Pois, a capacidade de absorção do capital por seus mercados consumidores, e em especial, o leste asiático, não é ilimitado. Aqui entra, talvez, uma questão assaz basilar como norteadora das novas estratégias geopolíticas de Trump, tendo em vista que Arrighi (apud HARVEY, 2004) também assinala que o fim dos impérios sempre estiveram relacionados com a financeirização sem precedentes do Estado líder. Embora, as alegações feitas aqui são somente em teor hipotético, a decisão de Trump de mitigar a financeirização do sistema pode ser explicado com base nos pressupostos de Arrighi. Isto é, o protecionismo elencado e a recusa do governo atual em disponibilizar montantes para sustentar acordos multilaterais podem ser frutos deste prelúdio apontado por Arrighi. O governo Trump seguindo ou não as ideias de Arrighi ou David Harvey, algumas posturas da atual gestão está em consonância com as análises dos dois autores.

Para mais, é possível observar no início do século também movimentos “antiglobalização” e aversão ao complexo Wall Street-Tesouro-FMI, isto é, a ordem atual vigente, principalmente países do continente asiático e da América Latina, no qual nomearam tal postura com a finalidade de salvaguarda-se do capitalismo predatório (HARVEY, 2004). Estes fatos conjuntamente colocam em questão se atualmente estamos na fase de declínio de um *hegemon*, isto soma-se a eminente ascensão chinesa, que é tida como o principal país para substituir o posto hegemônico dos Estados Unidos.

O Quadro 1 a seguir expõe as principais intervenções de Trump em seu primeiro ano no cargo presidencial:

	Principais Ações
Política Externa	<ul style="list-style-type: none"> • Abandono do Acordo “TPP” (23/1/2017); • Relações duvidosas e aprofundadas com a Rússia; • Inflamadas relações com a Coréia do Norte; • Abandono do acordo climático de Paris (1/6/2017); e • Reconhecimento de Jerusalém Como Capital de Israel (6/12/2017).
Política Interna	<ul style="list-style-type: none"> • Inúmeras demissões e renúncias dentro do atual governo (à exemplo de Michel Flynn, Rex Tillerson, Steve Bannon, e dentre outros)
Economia	<ul style="list-style-type: none"> • Reforma Tributária (20/12/2017); e • Taxações comerciais, sobretudo com a China
Saúde	Redução da abrangência do <i>Obamacare</i>
Imigração	Veto Anti-Imigração (27/1/2017)

Como mencionado, o presidente não conseguiu concretizar grande parte das suas pretensões, deixando de efetivar vários projetos em pauta, pois Trump enfrentou ampla coerção do congresso, o que mitigou o seu poder nas suas ações. Posterior às eleições de meio mandato, o cenário para Trump torna-se mais estorvado para prover sucesso em suas propostas, tendo em vista que o congresso foi elencado por uma maioria do Partido Democrata, o partido opositor do presidente, e que tentará mitigar o poder do republicano.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos rebatimentos mais acentuado do governo atual dos Estados Unidos é dificultar o curso da ordem internacional liberal, visto que a postura da potência hegemônica mundial de adotar um nacionalismo que realça a perspectiva realista nas Relações Internacionais, serve para minar a prosperidade de uma economia internacional e de uma geopolítica baseada na diplomacia. Esta postura está diretamente relacionada com o trecho anterior, de modo que grande parte dos operariados e do setor manufatureiro responsabilizam a internacionalização da economia pela falta de empregos, no primeiro caso, e o receio da competitividade alavancada pelos investimentos estrangeiros no segundo caso. Este foi um fator para a escolha do presidente republicano, no qual é conveniente com a ideia de nacionalismo e proteção das indústrias norte-americanas e dos “empregos” dos seus cidadãos, principalmente, ao combater a entrada de imigrantes e a externalização dos investimentos industriais que devem ser mantidos no território.

Desta forma, a hipótese deste trabalho, que consistiu em afirmar que o governo de Donald Trump apresenta e continuará a proporcionar vieses protecionista e unilateralista baseados na visão realista, é comprovada pelos dados e análises expostos no decorrer do texto, uma vez que aderiu ao protecionismo pois houve uma amplificação das taxações de importações no país, como também penalizações indiretas para indústrias que dirijam unidades de produção para o exterior; foi unilateralista pois Trump retirou o país de diversos tratados internacionais que não visassem somente os interesses e proveitos para o país (como a retirada do país do acordo TPP, acordo climático de Paris, acordo nuclear do Irã, dentre vários outros concertos multilateralistas); e é possível aferir que a geopolítica do país está assentado no realismo uma vez que o próprio documento de diretrizes para segurança nacional – NSS – alega que a postura dos Estados Unidos será guiada pelo *principled realism*.

Além disto, o trabalho teve o intento de apresentar que a geopolítica deste governo teve rebatimentos na ordenação mundial, como também efeitos negativos para o país. No primeiro caso, Trump agravou conflitos preexistentes que estavam em placidez, como também atravancou o livre comércio e a ordem liberal pós-Guerra

Fria, e que esta última auxiliou em demasia o desenvolvimento e manutenção da sua economia e do seu poder. Somado à este efeito na ordem mundial, também é possível observar grandes estímulos para a China em disputar a liderança comercial e política nas Relações Internacionais. Desta forma, justifica a afirmação que a postura geopolítica que o governo atual nomeou está sendo incoerente com os aparatos que os permitiram granjear o posto de potência mundial, e sendo assim prejudicando na disseminação da sua influência. Brands (apud HERMIDA, 2018) reforça devidamente ao alegar que os resultados serão: *en una disminución del superpoder estadounidense e intensifique el estrés en un sistema que ha servido a Washington y a muchos otros tan bien y por tanto tiempo* (p. 18).

As tendências plausíveis de serem aludidas é que Trump continuará encontrando certa resistência, até dentro do próprio partido Republicano. Trump ainda não dá indícios que alterará sua posição conservadora, protecionista e *antiestablishment*, e nem que amenizará tal posição. Contudo, não é possível afirmar que o republicano continuará tão resiliente na sua postura, tendo em vista da sua baixa aprovação, das críticas recebidas por vários grupos e desta própria resistência encontrada.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA FRANCE-PRESSE. Trump volta ao 'America First' ao revelar estratégia de segurança. **Correio Braziliense**, 2017. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2017/12/19/interna_mundo,648658/trump-volta-ao-america-first-ao-revelar-estrategia-de-seguranca.shtml. Acesso em 21 de janeiro de 2018.

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de; BRIGOLA, Higor Ferreira. Trump e a aproximação entre Estados Unidos e Rússia: uma convergência estratégica possível segundo o paradigma civilizacional de Samuel Huntington. **Revista de Estudos Internacionais (REI)**, 2017, volume 8. p. 236-258. Disponível em: <http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/view/321>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

ANDRÉ, José Gomes. 2016, a «longa caminhada» Das eleições primárias à sucessão de Obama. 2016.

ALVES, João Paulo; THUDIUM, Guilherme. A ascensão de Donald Trump: perspectivas para a política externa e de segurança dos Estados Unidos. Porto Alegre: **Boletim de Conjuntura NERINT**, janeiro de 2017. Volume 1, número 4, p. 7-18. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nerint/boletim-de-conjuntura/volume-1/>. Acesso em 21 de outubro de 2018.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. Dimensão estratégica e política externa dos Estados Unidos. In: _____. **Geopolítica e política exterior: Estados Unidos, Brasil e América do Sul**. Brasília, Fundação Alexandre Gusmão, 2009. P. 9-42. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/al000031.pdf>. Acesso em 1 de dezembro de 2018.

COSTA, Wanderley Messias da. Introdução. In: COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia política e geopolítica: discursos sobre território e poder**. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1992. p. 13-29. Capítulo 1.

FINGUERUT, Ariel. **Donald Trump: a volta da retórica populista**. Instituto de Estudos Econômicos e Sociais – Unesp. 2016.

FIORI, José Luís. **O Poder Global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites**. 2015.

Disponível em:

<https://dogmaseenigmas.files.wordpress.com/2015/12/fiori.pdf>. Acesso em 2 de março de 2017.

FERREIRA, Letícia Figueiredo. A política de segurança estadunidense para a Europa e para a América do Sul sob o prisma da geopolítica do Rimland. **6º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais**, julho de 2017. Disponível em:

<http://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1499657742_ARQUIVO_APolitica de SegurancaEstadunidense para a Europa e a America do Sul sob o Prisma da Geopolitico do Rimland-LeticiaFigueiredoFerreira.pdf>. Acesso em 30 de outubro de 2018.

G1. **Veja e leia íntegra do discurso de posse de Donald Trump**. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/veja-integra-do-discurso-de-posse-de-donald-trump.ghtml>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.

GILBOA, Eytan. Trump, One Year After the Election: Achievements and Failures. **BESA Center Perspectives**, Israel, número 647, novembro de 2017. Disponível em: <https://besacenter.org/perspectives-papers/trump-one-year-after-election/>.

Acesso em: 27 de julho de 2018.

GOLDFARB, Michael. Quem são os eleitores fiéis a Trump?. **British Broadcasting Corporation (BBC)**, outubro de 2016. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37826604>. Acesso em 27 de outubro de 2018.

HARVEY, David. Como o poder norte-americano se expandiu. In: **O novo imperialismo**. São Paulo: Editora Loyola, 5ª ed., 2004. P. 31-76

_____. A coerção consentida. In: **O novo imperialismo**. São Paulo: Editora Loyola, 5ª ed., 2004. P. 149-170.

HERMIDA, Octavio Trejo. Geoestrategia de Estados Unidos en el Siglo XXI. **Instituto de Investigaciones Estratégicas de La Armada de México**, Março de 2018. Disponível em:

http://www.academia.edu/36202826/Geoestrategia_de_Estados_Unidos_en_el_siglo_XXI. Acesso em 24 de outubro de 2018.

HIRST, Paul; THOMPSON, Grahame. **Globalização em questão**: a economia internacional e as possibilidades de governabilidade. Vozes, 1998.

KOYAMA, Ken. U.S. and the World One Year after Trump Inauguration. **The Institute of Energy Economics**, Japão, número 360, janeiro de 2018. Disponível em: https://eneken.ieej.or.jp/en/special_bulletin.html. Acesso em: 27 de julho de 2018.

MIELNICZUK, Fabiano Pellin. Como Assim, Trump?. **Revista Textual**, número 25, volume 1. 2017. p. 16-21.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. Halford Mackinder e a Geopolítica do Heartland. In: MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da Geopolítica?**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1999. Páginas 27-40. Disponível em: <http://igepp.com.br/uploads/arquivos/Aula10_GEOPOLITICA_Leonel_ITAUSSU_Quem_tem_medo_da_geopolitica.pdf>. Acesso em 28 de outubro de 2018.

MELLO, Patrícia Campos. Grande conquista de Trump no primeiro ano de mandato pode soar como estelionato eleitoral. **Folha de São Paulo**, 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cenarios/2017/12/1943335-grande-conquista-de-trump-no-primeiro-ano-de-mandato-pode-soar-como-estelionato-eleitoral.shtml>. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

SILVA, Paulo Cesar Nunes da. Trabalho e imigração: trabalhadores haitianos na imprensa da região oeste do paraná. **Anais do Colóquio Histórias em Evidência**, Unioeste, volume 1, agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ve>>

d=2ahUKEwjSo_Dqy6feAhVCgpAKHUU7D1sQFjAAegQICRAC&url=http%3A%2F%2Fmidas.unioeste.br%2Fsgev%2Feventos%2F518%2FdownloadArquivo%2F20885&usg=AOvVaw0o1sQGdSuXFsWAL-M_8wov5>. Acesso em 27 de outubro de 2018.

STOKES, Doug. Trump, American hegemony and the future of the liberal international order.

International Affairs. Volume 4, número 1, janeiro de 2018, p. 133-150. Disponível em:

https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/images/ia/INTA94_1_8_238_Stokes.pdf. Acesso em 2 de julho de 2018.

TROYJO, Marcos. EUA 'introvertidos' e China. **Folha de São Paulo**, A12, novembro de 2016.

Disponível em:

<http://www1.dnit.gov.br/anexo/Aviso/Aviso_edital0420_16-00_1.pdf>. Acesso em 28 de outubro de 2018.

UNITED STATES OF AMERICA (USA). National Security Strategy. **Governo dos Estados Unidos da América**. Dezembro de 2017.

VENTURA, Daisy. La Trampa: a ascensão da xenofobia contestatária ao governo dos Estados Unidos.

Fundação Friedrich Ebert Stiftung: Os impactos da eleição de Trump para a América Latina e o Brasil, número 27, junho de 2017. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/13454.pdf>>. Acesso em 29 de outubro de 2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-391-0

